

PRECONCEITO LINGUÍSTICO E HUMOR EM PÁGINAS DO FACEBOOK

Tiago Batalha de Oliveira

Mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio
Professor convidado de Pós-Graduação da UCP-Petrópolis

E-mail: toliveira_1980@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a maneira como os chamados “erros de português” são abordados e comentados em páginas do site de relacionamentos Facebook, buscando investigar e discutir, à luz dos conceitos e pesquisas da Sociolinguística Variacionista, algumas razões que motivam o tratamento preconceituoso atribuído aos textos em análise e de que forma o humor serve como recurso potencializador desse preconceito. Para tanto, procura-se trazer os principais fundamentos teóricos das pesquisas sociolinguísticas acerca do tema e refletir em que medida os estudos científicos da língua podem estimular reflexões mais lúcidas sobre os variados usos linguísticos, fomentando uma visão não preconceituosa da variedade linguística.

Palavras-chave: Facebook. Sociolinguística Variacionista. Preconceito. Variedade Linguística.

Abstract: This article should show how the so-called "Portuguese errors" are covered and commented on website pages of Facebook relationships, seeking to investigate and discuss, in the light of the concepts and research of sociolinguistics variationist, some grounds for treatment bigoted assigned to the texts in question and how the mood serves as potentiating feature of this prejudice. Therefore, it seeks to bring the main theoretical foundations of sociolinguistic research on the subject and reflect the extent to which scientific study of language can stimulate more lucid reflections on the various linguistic uses, fostering a non-biased view of linguistic variety.

Keywords: Facebook. Sociolinguistics Variationist. Prejudice. Linguistic Variety.

1. INTRODUÇÃO

O impulso seminal para essa tarefa se deu pelo constante contato que venho tendo no referido site com postagens e comentários que tratam com um humor negativo textos com supostos “desvios” da norma padrão, estímulo reforçado por minhas leituras de trabalhos didáticos e científicos no campo dos estudos sociolinguísticos – que sustentam a base argumentativa deste trabalho –, bem como pela participação em debates, em espaços escolares e virtuais, acerca da variedade e do preconceito linguístico. Além disso, a frequência com a qual o assunto vem sendo explorado, a exemplo da última grande polêmica sobre o livro do MEC *Por uma vida melhor*, e a emergência de universos teóricos opostos resultantes desses debates conferem ao tema inequívoca relevância social. Isso, por si só, já justificaria, ao largo das motivações pessoais apresentadas, o interesse pela investigação das mais diversas formas de manifestação de preconceito linguístico.

Essa convergência de motivações trouxe questionamentos relevantes para o estudo: (i) que tipo de página no Facebook é mais frequente e mais frequentada: a que trata a variedade sob uma ótica científica ou a que reforça e estimula o preconceito?; (ii) que abordagem da diferença linguística é mais comentada nas páginas do Facebook analisadas: o respeito à variação ou o preconceito?; (iii) como os chamados “erros de português” são apresentados e comentados nessas páginas?; (iv) que visão de língua parece estar presente nesses comentários preconceituosos?; (v) como a Sociolinguística aborda esse tema e de que maneira pode ajudar a combater o preconceito linguístico?

A análise dos dados e as conclusões daí advindas procuram responder direta ou indiretamente às perguntas formuladas e deixar, ao final, evidente a carga de preconceito social – mascarado por um humor perverso – presente nos comentários dirigidos aos textos “errados”, revelando a natureza da ignorância a ele subjacente, ignorância que possui razões históricas e tem sido alimentada por uma visão e uma prática conservadora do uso e do ensino de Língua Portuguesa no Brasil.

Na tentativa de trazer luz às questões motivadoras do presente trabalho, recorri a obras de professores e pesquisadores de reconhecida autoridade na discussão sobre variedade e preconceito linguístico. Dentre outras referências, destacam-se *Preconceito Linguístico – o que é, como se faz, A Língua de Eulália, A Norma Oculta e Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*, todos de Marcos Bagno, e *Doa-se lindos filhotes de poodle*, de Maria Marta Scherre. Merecem relevo também obra de Sírio Possenti e artigo de Débora Facin e

Marizete Bortolanza Spessatto, ambos sobre a relação entre humor e preconceito linguístico. Nosso arcabouço teórico vem sustentar uma posição linguística crítica e científica, baseada na análise criteriosa dos diversos fenômenos linguísticos e no respeito às diferentes variedades de manifestação e realização da língua.

A princípio, buscamos, em um viés quantitativo, mapear, por meio da ferramenta de busca Google, as páginas do Facebook com conteúdo a respeito de questões de variedade e preconceito linguístico, além de traçar um panorama estatístico dos tipos mais frequentes de comentários encontrados nas páginas escolhidas para a pesquisa, especificamente voltadas para postagens de “erros de português”. Extraídos os conteúdos selecionados para a análise e efetuada a devida quantificação, passamos a uma leitura crítica, em termos qualitativos, procurando investigar de que maneira os usuários daquelas comunidades virtuais tratavam em seus comentários as postagens de frases com “erros de português”, que argumentos possivelmente fundamentavam suas críticas e que fundamentos teóricos poderiam ajudar a desconstruir essa posição preconceituosa.

Os capítulos seguintes abordam, de forma sequenciada, os fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa (natureza e procedimentos), a explicitação (natureza, tratamento e organização) e a análise dos dados, bem como a conclusão e as possíveis contribuições trazidas pelo estudo.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1. A abordagem variacionista e seus principais conceitos

O amparo teórico empregado em nosso estudo foi extraído de uma abordagem de língua amparada nos estudos da Sociolinguística, especificamente em sua vertente variacionista, tendo como referência inaugural o linguista norte-americano William Labov e contando com inúmeros pesquisadores brasileiros, com destaque a Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Sírio Possenti, Ataliba Teixeira de Castilho, dentre outros.

A matriz do pensamento variacionista remonta aos trabalhos iniciais da Sociolinguística. Em *As dimensões da Sociolinguística*, introdução a uma de suas obras de referência, Bright (1966) antecipa as preocupações com o estudo das variedades e evidencia como uma das dimensões da investigação sociolinguística o que ele chama por *Extensão da*

Diversidade, destacando uma de suas principais características, e afirma que “especificamente, sob o título de extensão parecem úteis três classificações: uma, aqui chamada PLURIDIALETAL, inclui os casos em que as variedades de uma só língua, condicionadas socialmente, são usadas dentro de uma única sociedade ou nação” (Bright, 1966:20).

Preocupada com uma correlação entre língua e sociedade, a Sociolinguística compreende o tema da variação sob uma ótica descritiva da língua e não prescritiva, conforme o fazem os defensores da gramática tradicional culta como modelo definitivo de uso linguístico. Ocupa-se da análise das variáveis linguísticas condicionadas por fatores internos e externos à língua. Além disso, assume como uma de suas tarefas precípuas o combate ao preconceito linguístico, em suas mais distintas formas de manifestação, resultante tanto do desconhecimento sobre os fatores determinantes nos processos de mudança e variação linguística, como, sobretudo, do uso da norma padrão como fator de prestígio social de uma minoria de falantes ditos cultos em desfavor das formas variantes de uma maioria de falantes do português não-padrão.

Em resposta à reportagem 1725 da revista *Veja*, de novembro de 2011, Bagno (1999) apresenta crítica pontual à sobrevalorização da “gramática” como paradigma de uso linguístico e a conseqüente subestimação da dimensão semântica e pragmática do discurso.

‘Saber português’, na verdade, sempre significou ‘saber gramática’, isto é, ser capaz de identificar — por meio de uma **terminologia falha e incoerente** (grifo meu) — o “sujeito” e o “predicado” de uma frase, **pouco importando o que essa frase queria dizer, os efeitos de sentido que podia provocar etc** (grifo meu). Transformada num saber esotérico, reservado a uns poucos “iluminados”, a “gramática” passou a ser reverenciada como algo misterioso e inacessível — daí surgiu a necessidade de “mestres” e “guias”, capazes de levar o “ignorante” a atravessar o abismo que separa os que sabem dos que não sabem português... (BAGNO, 1999, p.182).

Em contraste a essa visão normatizante da língua, ainda socialmente reforçada (entre leigos e, pior, professores) e retratada nos comentários analisados, os estudos sociolinguísticos, com base em pesquisas empreendidas no campo da variação linguística, propõem um tratamento da língua com rigor científico, que respeite a sua natureza mutante, realizada nas diferentes variações, e que negue argumentos fundados em critérios arbitrários e de prestígio social, baseados em modelos impositivos da língua escrita de séculos passados. Nesse sentido, afirma Bagno (2004):

Ao contrário das gramáticas normativas, que tentam abranger todo o universo da língua (e por isso são tão falhas), os estudos sociolinguísticos delimitam bem seu campo de investigação, o que lhes permite fazer descrições mais detalhadas em mais completas das variedades escolhidas (BAGNO, 2004, p. 86).

Em nota publicada sobre ortografia em seu livro *O Colocador de Pronomes*, Monteiro Lobato antecipa conceitos linguísticos posteriormente empregados nos estudos sociolinguísticos e empreende uma crítica a essa postura rígida e “legalista” diante da língua.

Não há lei humana que dirija uma língua, porque língua é um fenômeno natural, como a oferta e a procura, como o crescimento das crianças, como a senilidade, etc. Se uma lei institui a obrigatoriedade dos acentos, essa lei vai fazer companhia às leis idiotas que tentam regular preços e mais coisas. Leis assim nascem mortas e é um dever cívico ignorá-las, sejam lá quais forem os paspalhões que as assinem. **A lei fica aí e nós, os donos da língua, nós, o povo, vamos fazendo o que a lei natural da simplificação manda** (grifo meu) (MOREIRA, 1972).

Em Brasil (1998), o texto de orientação didático-pedagógico revela consonância com o pensamento científico e reafirma a existência inevitável da variação linguística.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. **Ela sempre existiu e sempre existirá** (grifo meu), independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p. 29)

A ausência de um olhar mais crítico e científico da língua leva ao que os linguistas chamam de *Preconceito Linguístico* – muito discutido em livros e artigos e flagrante nos dados analisados –, fruto da ignorância sobre os verdadeiros fenômenos historicamente ocorridos na língua, que acaba por servir a um discurso socialmente discriminatório, que desvaloriza e estigmatiza qualquer expressão linguística destoante da norma padrão.

2.1.1 Combate ao Preconceito Linguístico

O preconceito no Brasil vem sendo, nas últimas duas décadas, apesar da busca de consolidação dos direitos e garantias de liberdade e dignidade humana, uma das poucas formas de manifestação discriminatória ainda acolhida e, mais grave, estimulada, sobretudo pelos segmentos sociais dominantes e pelos meios de comunicação.

Uma boa descrição do preconceito linguístico pode ser encontrada em Houaiss e Villar (2001), descrição que se aproxima dos conceitos defendidos pela Sociolinguística Variacionista: .

(preconceito linguístico é) qualquer **crença sem fundamento científico** (grifo meu) acerca das línguas e de seus usuários, como, p.ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos (HOUAISS e VILLAR: 2001, verbete).

Bagno (1999) milita apaixonadamente contra a visão conservadora da língua e os (pré)conceitos dela derivados, esclarecendo questões linguísticas que explicam a natureza e os diferentes processos de variação da Língua Portuguesa.

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. **Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão** (grifo meu). Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua (BAGNO, 1999, p. 09).

Descreve também o que chama de mitologia do preconceito linguístico, apontando oito grandes mitos sobre a Língua Portuguesa, e procura desconstruir as falácias que vêm sustentando esses discursos. Para o presente trabalho, extraí, em especial, dados e conceitos importantes do mito de número quatro (*As pessoas sem instrução falam tudo errado* - sobre o qual o autor declara que essa é uma discriminação que foge da questão linguística), e do mito de número oito (*O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social* - em que destaca a imposição universal da norma culta como atitude social de poder e domínio), estabelecendo referências pontuais aos outros seis. Em seu capítulo três (A desconstrução do Preconceito Linguístico), Bagno (1999) aborda criticamente um aspecto linguístico fundamental em nosso estudo: a questão ortográfica - ponto crucial em nossa análise.

É sobretudo aquilo que chamo de paranóia ortográfica: uma obsessão neurótica para que todas as palavras tragam o acento gráfico, que todos os Ç tenham sua cedilha, que todos os J e G estejam nos lugares certos... e assim por diante. Aliás, uma porcentagem enorme do que todo mundo chama de “erro de português” diz respeito a meras incorreções ortográficas (BAGNO, 1999, p. 131).

Merece destaque também a reflexão de Bagno (2004) sobre a associação enganosa existente entre erro de ortografia e erro de Português.

(...) uma grande maioria do que as pessoas em geral (e os fiscais da língua, em particular) chamam de ‘erro de português’ são, na verdade, simples desvios de ortografia oficial (...) a ortografia de uma língua, o modo de escrever, não faz parte da gramática da língua (...) ao contrário da língua, que é natural, a ortografia é artificial (...) saber uma língua (saber a gramática de uma língua) não tem nada a ver com saber a ortografia dessa língua (BAGNO, 2004, p. 28, 29 e 31)

Afirma, ainda, Bagno (2003) que “[...] simplesmente, o preconceito lingüístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social.” Ainda nessa obra, sua contribuição se torna fundamental para a pesquisa em foco quando cita alguns dos fenômenos lingüísticos mais comuns no processo de variação: o rotacismo, a eliminação das marcas de plural redundantes, a transformação de LH em I, a contração das proparoxítonas em paroxítonas, a redução do ditongo EI em E, a simplificação das conjugações verbais e outros fenômenos que caracterizam as variações linguísticas.

Maria Marta Pereira Scherre, por sua vez, em entrevista ao caderno de Letras da UFF sobre sua obra *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*, discute a imbricada relação entre preconceito lingüístico, variação e ensino, apontando caminhos de contribuição da ciência linguística para a diminuição desse tratamento discriminatório com relação às variedades linguísticas distintas da norma padrão.

As teorias lingüísticas podem contribuir no combate ao preconceito lingüístico pelo fato de que elas têm condição de propiciar um conhecimento dinâmico e aberto dos fenômenos que envolvem a linguagem humana. Todavia, elas por si sós não têm poder para combater o preconceito lingüístico se não evidenciarem que, da forma em que a sociedade está organizada, as discussões que envolvem a linguagem são essencialmente políticas. (ABRAÇADO, 2008, p.19).

Os ditos “erros de português”, nessa perspectiva lingüística, são vistos como maneiras variantes de usar a língua, em situações e contextos especificamente localizados, e para fins também discursivamente específicos.

Nesse sentido, o arcabouço teórico da Sociolinguística Variacionista me parece a linha científica mais segura para a investigação dos fenômenos ocorridos nas postagens focalizadas, bem como para sustentar argumentos que procurem compreender as raízes do preconceito lingüístico presente nos comentários em exame.

2.1.2. Humor e preconceito

Para a análise do tom de humor piadístico contido na quase totalidade dos comentários examinados, recorri basicamente aos estudos de Sírio Possenti (2001), no qual afirma que “*por tratarem de temas socialmente controversos, as piadas servem de excelente corpus para que estudiosos possam reconhecer ou confirmar manifestações culturais e ideológicas*”. Possenti atribui à possibilidade de dupla interpretação o campo discursivo ideal para o funcionamento das piadas, o que pode tornar propositadamente elípticos os efeitos de sentido discriminatórios. Reforça, ainda, a idéia de que as piadas servem como recurso estereotipista e de fácil entendimento, atraindo, assim, interlocutores sem expertise no assunto objeto da piada, em sua afirmação de que “*as piadas funcionam em grande parte na base de estereótipos, seja porque veiculam uma visão simplificada dos problemas, seja porque assim se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não-especializados*”.

Além disso, Facin e Spessatto (2007) trouxeram noções fundamentais para nossa análise. Nesse trabalho, as autoras asseveram que, embora aparentemente neutras, as piadas reforçam estereótipos e preconceitos e servem como ferramenta de discriminação. O artigo defende, ainda, que o potencial crítico do texto de humor está justamente em sua aparente ingenuidade e desvinculação com níveis ideológicos, noção essa que trouxe luz a diversos pontos da análise dos dados.

Tal escolha deve-se ao fato de que são justamente os textos de humor que concentram toda uma série de interpretações estereotipadas acerca dos falantes das diferentes variáveis, exatamente por serem encarados apenas como discursos ingênuos, feitos para o riso, desvinculados de qualquer ideologia (FACIN e SPESSATTO, 2007, p. 246).

Como relevante subsídio à análise empreendida nos comentários selecionados, o trabalho de Facin e Spessatto (2007) explicitou e exemplificou os mecanismos lingüísticos (fonológico, morfológico, sintático e lexical) por meio dos quais a graça e a ironia são acionados no texto de humor e a maneira como as diversas formas de preconceito são construídas.

Nessa esteira de considerações, extraí de Bergson (2004) passagens providenciais para a compreensão, em linhas gerais, do caráter depreciativo e segregatório implícito nas manifestações de riso presentes nos comentários analisados, em que o autor sustenta que “*apesar de ser um processo accidental, o riso é por vezes interpretado como uma intenção não declarada de humilhação e correção social*”.

2.2. Metodologia de pesquisa

A metodologia utilizada no estudo baseou-se em uma análise qualitativa a partir de dados quantitativos, ancorada nos conceitos e pesquisas científicas da Sociolinguística Variacionista e em estudos sobre o efeito do humor em discursos preconceituosos.

O *corpus* analisado compõe-se de comentários dirigidos a postagens com supostos “erros de português”, extraídos das páginas do Facebook *Erros de Português mais engraçados* e *Odeio Erros de Português*.

Nesse sentido, inicialmente, foi empreendida pesquisa, por meio da ferramenta de busca Google², objetivando verificar no Facebook a quantidade de páginas voltadas a comentários depreciativos³ sobre postagens com possíveis desvios da norma culta, bem como o número de páginas destinadas ao exame da língua sob a ótica do respeito às variedades linguísticas⁴, a fim de examinar o tipo de abordagem mais frequente no universo virtual em foco. A procura trouxe como resultado duas realidades distintas. De um lado, foi possível constatar a existência de três páginas exclusivamente voltadas para críticas negativas aos chamados “erros de português”, a saber: *Erros de Português mais Engraçados*, *Odeio erros de Português* e *Críticas a Erros de Português*. Por outro lado, a pesquisa forneceu cinco páginas com abordagem variacionista⁵: duas páginas denominadas *Variação Linguística*, uma página designada *Variedade Linguística*, uma sob o título *Sociolinguística* e uma inscrita como *Teoria Sociolinguística*.

Ressalte-se, contudo, que, a despeito da superioridade numérica de páginas que tratam dos aspectos lingüísticos sob um viés científico (cinco contra três), a investigação isolada de cada uma revelou a predominância das manifestações e comentários linguisticamente preconceituosos sobre aqueles que valorizam a riqueza da mudança e da variação da língua. No total, as contas do Facebook com conteúdo de reprovação às “incorreções gramaticais” somavam novecentos e oito participantes e duzentos e setenta e nove pessoas *falando sobre*

² A pesquisa foi realizada através do Google, já que o Facebook limita o resultado das pesquisas ao universo de relacionamentos do proprietário da conta. Assim, poderia haver o risco de a busca pelo Facebook não listar todas as páginas procuradas.

³ Para alcançar esses resultados na busca, digitei *erros de português* e *erros linguísticos*.

⁴ Para alcançar esses resultados na busca, digitei *variedade linguística*, *variação linguística*, *Sociolinguística* e *Preconceito Linguístico*.

⁵ Não foi encontrada nenhuma página com o título *Sociolinguística Variacionista*.

⁶ *Falando sobre isso* é o status das pessoas que participam ativamente dos comentários sobre as postagens.

⁷ Dados coletados com última atualização no dia 16 de junho de 2012.

isso⁶, superando em quase cinco vezes o número de participantes das páginas com abordagem oposta, dados⁷ que revelam o peso da visão normativa da língua nesse espaço de relacionamento e que corroboram nosso interesse pelo estudo em tela.

Num segundo momento, foi realizada a seleção do material a ser analisado, tendo como critério determinante o número de comentários destinados a cada postagem, com o objetivo inicial de verificar o alvo linguístico preferido dos participantes daquelas páginas.

Em seguida, passou-se à leitura crítica dos comentários selecionados, buscando investigar a maneira como os “erros” eram apresentados e que visão de língua estava subjacente àqueles comentários.

Por fim, com amparo nas linhas teóricas já mencionadas, o estudo procurou compreender os fenômenos pesquisados e discutir de que maneira a Sociolinguística pode contribuir para o combate ao preconceito lingüístico.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Conforme exposto anteriormente, o *corpus* em análise consiste de comentários dirigidos às cinco postagens mais compartilhadas nas comunidades do Facebook *Erros de Português mais Engraçados* e *Odeio Erros de Português*, páginas com alto índice de participação.

Sob a ótica dos estudos científicos da Sociolinguística e dos trabalhos sobre humor e piadas, o exame dos dados foi realizado em dois segmentos distintos de análise: primeiramente, lançando um olhar panorâmico sobre os comentários e, num segundo momento, dando foco às questões relevantes a cada uma das postagens.

Após um exame preliminar dos dados, por uma questão didática, resolvi discriminar alguns recursos e elementos discursivos muito recorrentes, e até comuns, nos comentários em análise. Em seguida, passei a uma avaliação crítica dos comentários, examinando isoladamente as postagens e seus dados e conferindo destaque aos comentários que julguei possuírem alguma particularidade relevante para a análise.

⁸Caracteres como KKKK e rrsrsrsrs.

3.1. Olhar panorâmico

Inicialmente, foi possível perceber, a partir da leitura dos comentários, o emprego dos seguintes recursos discursivos e elementos lingüísticos, que trato neste trabalho como categorias de análise: relação entre erro e falta de estudo, uso de metalinguagem crítica dos “erros”, atribuição da idéia de burrice aos “erros de português” e emprego de elementos indicativos de risada⁸.

3.1.1. Relação entre erro e falta de estudo

A *relação entre erro e falta de estudo* se apresentou como crítica em duas diferentes postagens. Em três passagens do *corpus* analisado, há registro dessa maneira linguisticamente equivocada de pensar. Dentre elas, merece destaque o seguinte comentário (relativo à postagem de número um): *“não deve ser burro, deve não ter frequentado uma escola boa..... coitado.....”*.

Aos olhos da ciência da linguagem, essa noção peca basicamente por dois motivos: por entender a norma culta - variedade ensinada na escola – como modelo superior de expressão lingüística e não como mais uma variedade empregada em certos contextos específicos de comunicação, esvaziando de valor, com isso, qualquer outra estruturação lingüística diversa da norma padrão, e peca por refletir a confusa mistura que se faz entre língua e gramática, combatida, como visto antes, principalmente nas obras de Bagno.

3.1.2. Uso de metalinguagem crítica dos “erros”

O recurso discursivo que denominei por *uso de metalinguagem crítica dos “erros”* consiste no emprego de “erros de português” para criticar outros “erros”, revelando, assim, numa espécie de “brincadeira com as palavras”, um tom de superioridade e deboche. Essa espécie de metalinguagem ocorre em onze dos trinta e sete comentários analisados e atinge as cinco postagens criticadas. Um exemplo claro dessa estratégia se encontra na seguinte crítica: *“português mal dizido que ninguém correge eu fico até de boca abrida!!!! kkkkkkkk é brincadeira gente!!! não pensem que eu não dei o português direito!!!”*. O autor do comentário se utilizou de formas grosseiras de desvios da norma, como *dizido* e *abrida* (expressões com emprego raro entre falantes adultos), para potencializar sua censura ao texto da postagem (número dois). Além disso, sinaliza o tom irônico de seu texto por meio da expressão *“é brincadeira gente”*, posicionando-se assim marcadamente distante do universo

por ele contestado. Fica patente, ainda, em seu discurso a visão dicotômica do português bem usado/direito, aquele da norma culta, e do português mal usado/errado, o das demais variedades lingüísticas, deixando claro o conteúdo preconceituoso do comentário.

3.1.3. Atribuição da idéia de burrice aos “erros de português”

Como *atribuição da idéia de burrice aos “erros de português”* entende-se uma tentativa de desvalorização da variedade lingüística expressa no texto, animalizando metaforicamente o autor da frase postada. Esse recurso possui quatro ocorrências em duas das cinco postagens. Em “*qui burru da zero pra ele*”, nota-se, além da crítica por meio da metalinguagem do “erro” (discutida acima), a desqualificação pelo uso do adjetivo *burru* (burro) e a idéia de reprovação simbolizada pela nota zero. Já na frase “*Essa gente tem o ‘dom’ da burrice... rrsrsrs...*”, mais do que o intuito de depreciação da maneira não padrão de se expressar, há uma noção velada de essencialismo, na medida em que atribui ao autor da postagem criticada a burrice como característica inata (dom), contra a qual nada se pode fazer.

3.1.4. Emprego de elementos indicativos de risada

O recurso denominado, para efeito de análise, como *emprego de elementos indicativos de risada* é o mais freqüente em todo o *corpus* em exame. Em todas as postagens, havia comentários com o uso de caracteres que procuram representar lingüisticamente o riso (kkkkk e rrsrsr). Alguns usuários ocupam o espaço destinado a seus comentários empregando exclusivamente esses caracteres, evidenciando um humor irônico, que busca desrespeitar e depreciar as variedades lingüísticas populares presentes nas postagens. Nesse caso, recorrer a risadas parece ser a maneira mais fácil e eficiente de fazer críticas fundadas em preconceitos.

Nessa análise panorâmica, percebeu-se, na grande maioria dos comentários, a presença de um tom de humor debochado, sarcástico, cujo objetivo maior não é o simples rir ou fazer rir, mas sim o de, oculto numa atmosfera de brincadeira, estigmatizar e condenar expressões lingüísticas não padrão e seus usuários. Foi possível observar, ainda, em todos os comentários, sem exceção, que a eficiência comunicativa das postagens foi ignorada, ressaltando-se apenas preocupações com o nível ortográfico dos textos, o que revela uma leitura superficial e não científica dos fenômenos lingüísticos.

3.2. Análise em foco

Nessa etapa da pesquisa, passo a analisar detidamente cada uma das postagens e seus comentários. O critério de seleção do comentário a ser examinado levou em conta a visão de língua e/ou o tom de humor nele presentes.

Em cada postagem, serão apresentados os “erros de português” criticados, análise linguística do conteúdo da postagem, sob o viés dos estudos sociolinguísticos, bem como o comentário selecionado, segundo o critério acima exposto, com apreciação sobre seu conteúdo, excluindo-se os anteriormente discutidos.

Postagem 1



A postagem acima recebeu nove comentários de crítica às formas de expressão nela utilizadas. Há nesse texto três registros linguísticos estranhos à ortografia oficial, envolvendo dois diferentes fenômenos fonológicos: o uso da letra S, em *Sebola* e *Melansia*, como representação do fonema [s] (som também realizado pela letra C, o que provoca a confusão), e o emprego da letra U no papel fonético similar ao L em final de sílaba.

Uma análise linguística acurada fornece dados suficientes para concluir que em nenhum dos casos criticados houve erro de português. As letras utilizadas nos exemplos (S e U) cumprem perfeitamente as funções sonoras a que se propuseram e que são arbitrariamente desempenhadas por sua coirmãs fonológicas C e L. A partir de uma simples comparação lexical, é possível ilustrar que a forma considerada ortograficamente correta não se justifica por motivos linguísticos, mas sim por razões de ordem social e de preservação etimológica das palavras. O som do S em *Sebola* e *Melansia* é semelhante ao do S em *Senhora*, *Sempre*, *Sedução*, *Secular*, *Ansia*, etc. A palavra *méu*, por sua vez, em lugar de sua correlata fonética oficial *mel*, se assemelha a outros vocábulos de mesmo som e grafia, como *céu*, *véu*, *réu*, etc. Tais fatos evidenciam que a opção oficial pela letra C (nas palavras *Cebola* e *Melancia*) e L (na palavra *Mel*) não se sustenta em argumentos linguísticos.

Dos comentários destinados a essa postagem, um merece destaque: *mandam para programa do Jô ele gosta destas coisas*. A escolha desse comentário como exemplar da crítica se deu por tratar a forma expressa como objeto de piada, motivo costumeiro de chacotas pela mídia, e por desvalorizar a variedade linguística através do processo de coisificação, reforçando o olhar preconceituoso e a visão conservadora da língua, presentes em todos os comentários.

Postagem 2



pio de Balsa Nova - Paraná, próximo à BR 277. Colaborador: Walmir da Silva Teixeira

Campeã de comentários, a postagem de número dois foi duramente criticada por apresentar cinco registros linguísticos considerados como “erros de português”. Aqui também as críticas se baseiam em argumentos exclusivamente de natureza ortográfica e não linguística, diferença capital para uma análise científica da língua, de acordo com os conceitos sociolinguísticos defendidos pelos autores anteriormente apontados.

Percebe-se novamente o emprego das letras S e C, como representação do fonema [s], em discordância com o preceituado nos modelos de grafia correta em Língua Portuguesa. Mais uma vez é necessário ressaltar que não há razões linguísticas (fonéticas ou fonológicas) que deem subsídios para explicar a opção de uma letra em detrimento de outra para representar um mesmo som. Possíveis argumentos em favor de uma grafia correta são motivados por escolhas arbitrárias e necessidades etimológicas, o que descaracteriza como “erros de português” os fenômenos de variação presentes nos textos criticados. Exemplos como Sinistro, Cerveja e balsa servem para revelar que as formas Sivil, Cervisos e Calsasadas, pontualmente criticadas, apresentam outra grafia no registro oficial por questões de natureza convencional, e não linguística.

Outro fenômeno contestado pelos participantes da página foi a ausência do H na forma vocabular *idralica* (em lugar de hidráulica). A explicação da grafia com H remonta aos propósitos de relatinização da Língua Portuguesa, com a valorização de formas latinas empregadas na antiguidade clássica. Assim, esse H é o que se chama de letra etimológica, ou seja, marca linguística desprovida de som e de capacidade distintiva de sentido, preservada por razões estritamente históricas.

Na lista de onze comentários atribuídos a essa postagem, chamou atenção a seguinte manifestação: *naooooooooooooooooo, pelo amor de Deus isso nao tudo menos isso*. A negativa com vogal redobrada intensifica o sentido de interdição e condenação dos supostos “erros”. Além disso, o apelo a instâncias espirituais revela, subliminarmente, uma espécie de visão sacralizada da norma culta e lança sobre a variação linguística um olhar de pecado. Dessa maneira, somente uma intervenção divina poderia iluminar os desvios ortográficos cometidos e redimir o autor das frases contidas na postagem.

Postagem 3

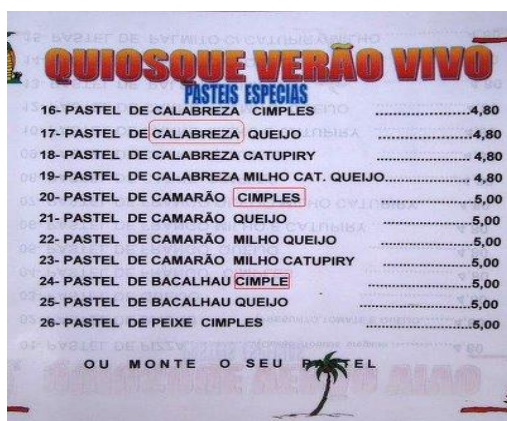


Os aspectos linguísticos comentados se referem novamente a questões ortográficas. Além da troca do S pelo C, em *Salcicha*, fenômeno observado também em outras postagens, tem-se o registro gráfico da palavra *Impada* (no lugar de *empada*), considerando a realidade fonética de sua pronúncia. Nesse caso, ocorre o fenômeno fonológico do *alçamento*, que consiste na elevação do traço de altura das vogais médias pretônicas (como o E que encarna o som do I, e O que assimila o som do U). Isso significa que a vogal E, na posição de sílaba pretônica, tende a se elevar, fonologicamente falando, e assumir o som do I, como atesta uma série de exemplos comuns em que essa troca ocorre: *embuti* por *imbuti* (do verbo embutir), *entende* por *intende*, *enxada* por *inxada*, *segundo* por *sigundo*, *estudo* por *istudo*. Tal fato deixa à mostra a vulnerabilidade dos comentários críticos empreendidos às formas variantes apresentadas e traz evidências de que a opção pela forma consagrada como correta não reflete, em muitos casos, a realidade fonológica da língua. Dessa maneira, a grafia de palavras em que

esses fenômenos ocorrem apresenta dificuldades e, conseqüentemente, distintas realizações linguísticas, o que reafirma a tese de Bagno de que “erro de ortografia” não é erro de Português.

O comentário em destaque nessa postagem apresenta duas características já discutidas no presente estudo: a metalinguagem do erro e o emprego de elementos indicativos de risada. Em “*Difição*” *hein??? perdi a fome... =P kkkkkkkkkkkkk*, observa-se que a troca voluntária do C pelo Ç e do L pelo O (alçado fonologicamente a U) serve como recurso de crítica eivado de deboche e ironia. Além disso, na passagem “..perdi a fome...”, nota-se uma associação forçosa entre os “erros” e a qualidade do produto comercializado na propaganda. Percebe-se que a presença de elementos indicativos de risada encerra no texto um tom depreciativo de humor.

Postagem 4



Nesse caso, as críticas recaem sobre três formas gráficas: *calabreza*, *cimples* e *cimple*, colocando em questão a oposição Z e S, na primeira palavra, C e S, na segunda (já documentada anteriormente) e a ausência do S, na última.

Os seis comentários a essa postagem traduzem uma visão pouco esclarecida sobre os fenômenos da língua, na medida em que estigmatizam maneiras de grafar diferentes da norma culta, mas que apresentam fortes argumentos linguísticos que justificam essa variação. Um desses argumentos assume que o fonema [z], presente na palavra *calabreza*, quando localizado entre duas vogais, pode ser representado graficamente pelas letras Z, S e X, e que, por esse motivo, o emprego oficial de uma delas em lugar das outras responde a exigências extralinguísticas ou etimológicas, não havendo, em nosso complexo sistema fonológico, relação natural entre som e letra que possa corroborar as críticas contidas nos comentários em foco. Os vocábulos *exame*, *casa*, *beleza* e *bondoso* exemplificam bem esse mosaico de possibilidades linguísticas de representação grafêmica de um mesmo fonema.

Em “*Isso não é de se admirar..é só ver como os alunos saem das escolas públicas..daqui uns anos isso vai piorar...*” – comentário em relevo, é possível notar mais uma ocorrência de manifestação que vincula os “desvios ortográficos” à falta de estudo. Conforme já discutido no tópico

3.2.1 – Relação entre erro e falta de estudo, a relação equivocada entre expressão linguística e ensino escolar espelha outro engano ainda maior: a confusão entre língua e gramática. Além disso, o comentário em destaque atribui ao conteúdo da postagem valor depreciativo, uma vez que afirma que “*daqui uns anos isso vai piorar*”, trazendo a ideia preconceituosa de que a forma variante da língua presente no texto criticado é ruim.

Postagem 5



Com o propósito de ser uma piada, a última postagem busca o humor a partir de um registro vocabular destoante das normas ortográficas estabelecidas. Assim, procura desvalorizar o emprego verbal da entrevistada na história, por considerá-lo estranho ao padrão de conjugação verbal portuguesa.

Acontece que a mudança de forma no verbo VARIAR (na última fala do quadrinho) apresenta justificativa no próprio sistema linguístico de flexão verbal. Em regra, os verbos terminados em IAR seguem o paradigma flexional do verbo CRIAR (Crio, Crias, Cria, Criamos, Criais, Criam). No entanto, a forma utilizada na piada parece ter sido resultado de uma assimilação do presente do indicativo das formas excepcionais dos verbos com terminação equivalente – IAR. Em *Odiar*, exemplo dessa excepcionalidade, a declinação se faz da seguinte maneira: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam. Percebe-se, nesse caso, a presença da vogal E nas formas verbais rizotônicas (ou seja, aquelas em que a sílaba tônica pertence ao radical). Isso parece indicar que a variação presente no próprio sistema da

norma padrão pode ter servido de modelo para a variação linguística (Vareia) estigmatizada na postagem.

Nesse último quadro em análise, a crítica enfatizada traz a seguinte afirmação: *compartilhei a página inteira*. O teor desse comentário generaliza todas as manifestações linguísticas presentes nas postagens como “erros de português”, à revelia de um exame detido sobre os fenômenos linguísticos nelas ocorridos e sobre eventuais problemas reais de construção, que vão além de meras questões ortográficas.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou discutir a questão do preconceito lingüístico e das visões que o sustentam, a partir da análise dos dados apoiada nos conhecimentos científicos da linguagem, abordando, ainda, a maneira como o humor pode reforçar o tom preconceituoso presente nas críticas dirigidas aos “erros de português”. Assim, buscou trazer reflexões para os questionamentos que motivaram a pesquisa, bem como procurou lançar mão de conhecimentos de base científica que pudessem contribuir no combate ao referido preconceito.

O resultado do exame empreendido delineou alguns caminhos de resposta às perguntas inicialmente formuladas na pesquisa.

Primeiramente, numa análise quantitativa, verificou-se que as páginas do Facebook em maior número são as que discutem a variedade lingüística e o combate ao preconceito, seja na forma de comunidades virtuais seja no papel de divulgação de livros. Contudo, os perfis mais freqüentados são os destinados a críticas e comentários debochados e preconceituosos contra supostos “erros de português”.

Além disso, o trabalho não deixou dúvida em revelar que a abordagem da diferença lingüística mais comentada nas páginas em foco é a da crítica, a do desrespeito às variedades populares de uso da língua. Nesse sentido, viu-se o diferente ser apresentado como erro, e esse “erro” ser abordado de maneira severa e irônica, numa postura taxativa e segregadora por parte dos autores dos comentários examinados.

Diante disso, foi possível afirmar, num exame qualitativo, que o conteúdo dos dados analisados são constituídos e constitutivos de uma visão de língua tradicional, conservadora e absolutamente indiferente às diversas formas de manifestação lingüística, e que, além disso,

utilizam o recurso indireto do humor para intensificar na crítica os efeitos de sentido discriminatórios.

Como contraponto a esse discurso linguisticamente arbitrário, o trabalho deu voz à ciência da linguagem, em sua faceta sociolingüística, apresentando as bases do estudo variacionista e as contribuições trazidas ao debate do preconceito lingüístico, sobretudo no que diz respeito aos argumentos esposados por autoridades acadêmicas no assunto, como Bagno, Scherre, Possenti, entre outros. Para eles, as variedades, além de serem um fenômeno natural resultante da dinamicidade das línguas, devem ser respeitadas como riquezas e potencialidades lingüísticas e não assumidas como desvios e taxadas como expressões socialmente inferiores. Nesse sentido, defendem a necessidade de um olhar científico para o estudo dos fenômenos da língua, a fim de evitar que se criem mitos e que se alimentem argumentos lingüísticos infundados e imotivados, raízes da ignorância que contribui para sustentar a posição preconceituosa contida nos comentários analisados.

Dessa maneira, pode-se concluir que os chamados “erros de português” são alvo de manifestações de preconceito lingüístico e social, tanto por não serem aceitas como expressão legítima da língua, como por serem utilizadas por segmentos socialmente desprestigiados. Nesse sentido, o combate ao preconceito exige uma visão lúcida dos fenômenos lingüísticos, baseada em análises científicas rigorosas e empíricas, que procurem aproximar as diferentes realidades lingüísticas de suas correspondentes realidades contextuais e sociais, estabelecendo maior congruência entre situação de uso e forma da língua.

Procurei, neste trabalho, denunciar manifestações de preconceitos lingüísticos em espaços virtuais de relacionamento, empreendendo análise sobre os comentários e sobre os fatos lingüísticos neles criticados. Com isso, busquei estimular reflexões tanto acerca dos motivos que dão origem a posicionamentos linguisticamente discriminatórios como acerca dos fundamentos sociolingüísticos que se contrapõem a essa lógica e que sustentam a idéia da variedade da língua. Assim, o trabalho apresenta relevância lingüística e científica, na medida em que traz contribuições para o quadro de debates e pesquisas em torno da questão da variedade e do preconceito lingüístico.

5. REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara. Entrevista com Maria Marta Pereira Scherre sobre Preconceito Linguístico, Variação Linguística e Ensino. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito Linguístico e Cânone Literário*, Rio de Janeiro, nº 36, p.11-26, 1.sem.2008.

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Português ou Brasileiro**: um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz? 38. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador** – uma introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRIGHT, Willian. **Sociolinguistics**: Proceedings of the UCLA sociolinguistics conference. ed. 1966. Pp.20.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis : Vozes, 1970.

CASTILHO, A. et alii (I: 1990, II: 1992, III: 1993, IV, V, VI: 1996): **Gramática do português falado**. Campinas, Editora da UNICAMP.

FACIN, Débora e SPESSATTO, Marizete Bortolanza. **O preconceito linguístico em textos de humor**: uma piada sem graça. *Roteiro*, Joaçaba, v. 32, n. 2, p. 245-264, jul./dez. 2007.

HOUAISS, A., VILLAR, M.S. – **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001

MOREIRA, José Carlos Barbosa (org.). **Monteiro Lobato**: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**. São Paulo. Parábola. 2005.

ERROS DE PORTUGUÊS MAIS ENGRAÇADOS. Facebook. Disponível em: <http://www.facebook.com/media/albums/?id=100004050037383#!/pages/Erros-de-portugu%C3%AAs-mais-engra%C3%A7ados/162859253813879>

ODEIO ERROS DE PORTUGUÊS. Facebook. Disponível em: <http://www.facebook.com/media/albums/?id=100004050037383#!/OdeioErrosDePortugues>.

6. ANEXOS

6.1. Anexo 1 - Endereços eletrônicos das postagens e comentários:

Postagem 1

<http://www.facebook.com#!/photo.php?fbid=235090569924080&set=a.162872223812582.26035.162859253813879&type=1&theater>

Postagem 2

<http://www.facebook.com#!/photo.php?fbid=183721281727676&set=a.162872223812582.26035.162859253813879&type=1&theater>

Postagem 3

<http://www.facebook.com#!/photo.php?fbid=167868903312914&set=a.162872223812582.26035.162859253813879&type=1&theater>

Postagem 4

<http://www.facebook.com#!/photo.php?fbid=180352758731195&set=a.162872223812582.26035.162859253813879&type=1&theater>

Postagem 5

<http://www.facebook.com#!/photo.php?fbid=162882803811524&set=a.162872223812582.26035.162859253813879&type=1&theater>

6.2. Anexo 2 - Tabela da presença de Categorias de Análise por Postagens

Categoria	Post. 1	Post. 2	Post. 3	Post. 4	Post. 5
Erro e falta de estudo	X	-	-	X	-
Metalinguagem	X	X	X	X	X
Atribuição de burrice aos “erros”	X	X	-	-	-
Elementos de riso	X	X	X	X	X

Legenda:

X (presença) - (ausência)